

ÍNDICE

- 06 **VOLUME 07: NOTA INTRODUTÓRIA**
- 10 **FIGURA: FRANCISCO DOS REIS DOMINGUES**
- 12 **CONVERSAS COM... VANDA DE SÁ**
- 24 **CONTRIBUIÇÃO PARA UMA GEOGRAFIA DOS INSTRUMENTOS
MUSICAIS POPULARES PORTUGUESES** José Alberto Sardinha
- 38 **FIGURA: MANUEL ISIDRO FONSECA**
- 40 **FOTOGRAFIA** Augusto Brázio
- 54 **POVO QUE CANTA - TEXTOS**



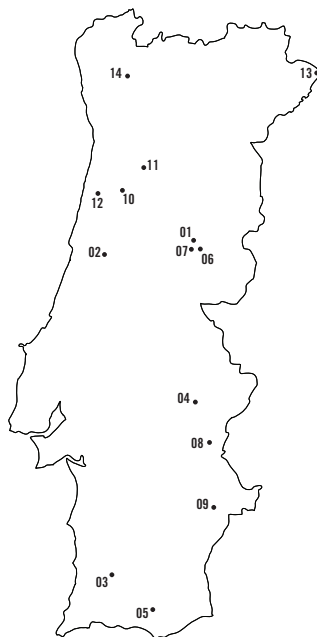


LABORATÓRIO

POVO QUE CANTA

Textos de Michel Giacometti

2.^a e 3.^a Série | Episódios 25 a 28
Gravação: 1970.Abril [1.^a campanha];
1970.Maio-Junho [2.^a campanha];
1971.Junho [3.^a campanha];
1972.Setembro-Outubro [4.^a campanha]



LOCAIS

01. Castelo Branco. Covilhã, BARCO
02. Coimbra. Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha: BARREIRA
03. Beja. Odemira, Sabóia: MONTE DO TOTENIQUE DA CASTANHA
04. Évora. Estremoz, ESTREMOZ
05. Faro. Loulé, SALIR
06. Castelo Branco. Fundão, SOUTO DA CASA
07. Castelo Branco. Fundão, LAVACOLHOS
08. Évora. Alandroal, Santiago Maior: VENDA
09. Beja. Serpa, Vale de Vargo: MONTE DE BELMEQUE
10. Aveiro. Sever do Vouga, TALHADAS
11. Viseu. São Pedro do Sul, IGREJA DE CAMBRA
12. Aveiro. Aveiro, OLIVEIRINHAS
13. Bragança. Miranda do Douro, PARADELA
14. Braga. Póvoa de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso: LUGAR DO HORTO

TEXTOS/ EPISÓDIOS

MÚSICA INSTRUMENTAL POPULAR

[Data de transmissão: 1972.Outubro.02]

Castelo Branco. Covilhã, BARCO

Coimbra. Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha: BARREIRA

Beja. Odemira, Sabóia: MONTE DO TOTENIQUE DA CASTANHA

Évora. Estremoz, ESTREMOZ

Faro. Loulé, SALIR

Castelo Branco. Fundão, SOUTO DA CASA

Castelo Branco. Fundão, LAVACOLHOS

MÚSICA RELIGIOSA TRADICIONAL

[Data de transmissão: 1973.Outubro.18]

Évora. Alandroal, Santiago Maior: VENDA

Castelo Branco. Fundão, SOUTO DA CASA

Beja. Serpa, Vale de Vargo: MONTE DE BELMEQUE

Aveiro. Sever do Vouga, TALHADAS

Viseu. São Pedro do Sul, IGREJA DE CAMBRA

Aveiro. Aveiro, OLIVEIRINHAS

VOZES E IMAGENS DE PARADELA

[Data de transmissão: 1973.Novembro.01]

Bragança. Miranda do Douro, PARADELA

A PEDRA – PÓVOA DO LANHOSO

[Data de transmissão: 1973.Novembro.15]

Braga. Póvoa de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso: LUGAR DO HORTO

25.º PROGRAMA

MÚSICAS INSTRUMENTAIS POPULARES

2 de Outubro de 1972



- Apresentaremos neste programa vários trechos de música instrumental popular, recolhidos em zonas do país musicalmente bem diferenciadas.

- Para começar, um agrupamento instrumental de Barco, concelho do Fundão, Beira Baixa, vai tocar uma marcha, a que chamam «Moisés». Constituído para cima de há 90 anos, este agrupamento, formado por bombos, caixas, pratos e flautas, participa nas festas locais, sendo o seu repertório, a bendizer, limitado a trechos do tipo da histórica e musicologicamente chamada «música turca». As músicas destes grupos populares, quando transmitidas por via não escrita, como é aqui o caso, devem merecer a nossa atenção. Na verdade, se na sua generalidade estas músicas pertencem ao repertório passado ou mesmo actual das bandas militares do nosso país, outras haverá que, embora deturpadas, sobrevivem talvez como reminiscência de músicas trazidas nestes últimos séculos pelos exércitos estrangeiros. Outras ainda, cuja origem é provavelmente mais remota. Lembraremos ainda, a título de exemplo, que a chamada «música turca», precisamente, inclui espécimes que se supõe serem resíduos da música dos exércitos romanos.

- Ouviremos a seguir a «Marcha das Cornetas». A corneta, como se sabe, é um instrumento de bocal, empregado no exército com acompanhamento de tambores: cada

companhia tinha uma corneta e dois tambores.

- Estamos em Barreira, no concelho de Condeixa-a-Velha, Beira Litoral. Este tipo de conjunto instrumental popular (gaita de foles, tambor e caixa), bastante raro na região, encontra-se com mais frequência no Minho e Trás-os-Montes. A sua função é festiva. Vamos ouvir um *fandango*.

- João Melo, conhecido como o «gaitero antigo». Hoje, depois de um breve ensaio, teve que desistir de tocar: sofre do coração, como tantos gaiteros. Um sobrinho substituiu-o. João Melo pertence a uma família de gaiteros e é o depositário, talvez único na região, de um repertório de músicas cerimoniais, de velhas danças, as quais, hoje em dia, são substituídas, pelos gaitero mais novos, por músicas «corriqueiras» do presente. Vamos ouvir agora o «Sanctus», música que os gaiteros da Estremadura e Beira Litoral, Minho e Trás-os-Montes, tocavam na missa, na parte incluída entre o prefácio e o cânone. Interdito pela igreja, o costume caiu em desuso nestes últimos 20 anos.

- Estamos de novo no monte Totenique, no concelho de Odemira, no Baixo Alentejo, para ouvir um tocador de viola campaniça, conhecido dos telespectadores do nosso programa.

- A viola campaniça, de que demos as características essenciais na rubrica «O despique e a viola campaniça do Baixo Alentejo», era fabricada na região e servia para animar os bailes e acompanhar o despique. Hoje acompanha apenas os despiques dos mais velhos em raras ocasiões, como, por exemplo, na feira anual de Castro Verde.

- Nas imediações de Estremoz. Manuel Jaleca, da companhia dos bonecos de Santo Aleixo. O Fandango que vai tocar constituía como que acompanhamento do «Passo do Barbeiro», sainete malicioso do repertório da companhia.

- SALIR, no concelho de Loulé, Algarve. José de Sousa, flautista popular, executou, num dos nossos primeiros programas, várias modas de baile da região. Mas as coisas não lhe correram bem. Hoje vai tocar – e desta vez com mais brio – numa flauta de cana, por ele próprio fabricada, uma moda de baile – do tipo corridinho –, de que não se sabe o nome (o que acontece com frequência com os instrumentistas populares).

- Um grupo popular (bombos, caixas, pratos e flautas) toca (tocou ou vai tocar) o «Carvalhal», música de grande significado para o povo de Souto da Casa (Fundão, Castelo

Branco) que, na Quarta-feira de Cinzas, organiza uma espécie de romaria, comemorativa de uma vitória alcançada, em fins do século passado, a qual lhe permitiu conservar em sua posse os disputados terrenos comunitários do Carvalhal.

- Estamos a ouvir (vamos ouvir) um grupo de Lavacolhos, sempre no concelho do Fundão. «Ao Alto», é o trecho que anima a romaria de Santa Luzia, no Castelejo – uma música entrecortada de gritos e de versos cantados.

- Desejamos sublinhar neste momento que a música instrumental nos parece o aspecto menos significativo da nossa música folclórica, essencialmente vocal e que, pela riqueza da sua expressão, se situa exemplarmente no panorama da música congénere europeia. Esta afirmação, que não é nova nem exclusivamente nossa, vai contra as recentes declarações, por certo irreflectidas, de um nosso crítico. Com efeito, negar a força viva da nossa tradição musical, equivaleria a frustrar o nosso povo de um dos seus bens mais preciosos. «O que seria do nosso povo se não cantasse?», já dizia justamente Leite de Vasconcelos. E se o nosso povo canta quando pode (segundo o parecer de um outro crítico), o certo é que, quando canta, o nosso povo indubitavelmente se encanta de si mesmo. E daqui, tirem os nossos amigos críticos as ilações que quiserem.

26.º PROGRAMA

MÚSICA RELIGIOSA TRADICIONAL

18 de Outubro de 1973



- Neste programa quisemos reunir, a par de espécimes musicais que ainda há pouco participavam na liturgia católica, outros que integravam ou ainda integram velhas práticas religiosas exteriores ao culto.

- ALDEIA DA VENDA, no concelho de Alandroal, distrito de Évora.

Apresentamos, neste momento, sequências cronológicas da festa da Santa Cruz – festa a que dedicamos uma das primeiras rubricas do nosso programa.

- A Festa da Santa Cruz, da Aldeia da Venda, que se realizava normalmente no primeiro domingo de Maio, encontra-se em vias de total extinção. O seu registo *in extremis* constitui já hoje um documento de certa importância para o conhecimento de uma das formas mais significativas que assumia a fé, numa das zonas do país talvez menos dadas a práticas do culto externo.

- Esta festa integra-se possivelmente no ciclo das festas do mês de Maio – festas da Primavera –, cuja tradição se perpetuou desde a Antiguidade.

- A festa consiste essencialmente no encontro de duas procissões: por um lado, Madalena, que leva o sudário e é acompanhada de duas madrinhas, de cantadeiras, anjinhos, atiradores e moradores do sítio onde se localiza a casa de Madalena (um quarto apenas enfeitado com palmas); por outro lado, a Mordoma, que leva uma cruz (de confecção

local e ricamente ornamentada), acompanhada do mesmo número de figuras do cortejo de Madalena, mais os vizinhos da casa da Santa Cruz (um quarto forrado com colchas e jóias de toda a espécie).

- No terreiro do encontro vai realizar-se todo um ritual complexo, em que se procede à troca do sudário e da cruz entre Madalena e a Mordoma. Durante toda a cerimónia, as cantadeiras entoam versos de tradição oral, com vozes estridentes, e acompanham-se com pandeiretas. De vez em quando, os atiradores descarregam as suas espingardas.

- As duas procissões juntam-se e dirigem-se para a Casa da Santa Cruz, onde serão depositados o sudário e a cruz. Acabou a cerimónia – que terá durante algumas três horas – com versos de despedida à Santa Cruz.

- A festa da Santa Cruz, portanto, é uma cerimónia de carácter religioso, com reminiscências de velhos ritos pagãos, organizada exclusivamente pelo povo, ou seja, sem qualquer intervenção das autoridades eclesiásticas ou civis.

- Observa-se um grande respeito em relação a todo o ritual, que tem o valor pela sua execução, uma anciã, a Mestra, tal como nas tradições orientais.

- Souto da Casa, no distrito de Castelo Branco. «As Três-Marias» – canto entoado normalmente na procissão nocturna do enterro do Senhor, na Sexta-feira Santa. Verónica (aqui representada pela mulher que vemos de costas, levando o Santo Sudário) canta (ou vai cantar) o «O vos omnes» – canto não propriamente litúrgico, não obstante o consabido texto latino, mas sim dos cantos de ar livre –, a que respondem (ou vão responder) as Três-Marias, numa toada lenta e dolorosa. A cerimónia não se realiza há cerca de vinte anos por proibição das autoridades eclesiásticas.

- Monte de Belmeque, Vale de Vargo, Beja. O «Sanctus», trecho instrumental que os tamborileiros da região tocavam na missa entre o prefácio e o cânone.

- A Aleluia que vamos ouvir cantava-se em Talhadas (concelho de Sever do Vouga) durante a missa, geralmente da Páscoa ao Espírito Santo. De uma expressão larga e severa, e entoada polifonicamente por vozes femininas: proposta monódica de carácter salmódica a cargo de uma voz masculina e resposta em organum a três vozes – baixo – 2.^a voz – falseta.

- Notaremos que a forma polifónica aqui utilizada constitui uma das características mais

salientes da música da região – forma polifónica que se aparenta à da zona vizinha do concelho de S. Pedro do Sul. Deste modo, podemos delimitar uma vasta área incluída entre Sever do Vouga (no distrito de Aveiro) e S. Pedro do Sul, (no distrito de Viseu) e tendo por limites, a Norte, a Serra da Gralheira e, a Sul, a Serra do Caramulo.

- Igreja de Cambra, no concelho de S. Pedro do Sul. O canto de «Santa Maria», que vamos ouvir, é entoado na Quinta-feira Santa, na procissão das Endoenças. Mais uma vez a persistência da polifonia na região é evidenciada pela presença, no grupo das cantadeiras – quase todas trabalhadoras rurais –, de raparigas (a mais nova não tendo ainda catorze anos).

- Oliveirinha, nas imediações de Aveiro. Um grupo de homens, numa noite de Quaresma, percorre as ruas da localidade e das localidades vizinhas para entoar às portas a «Devoção das Almas», canto de peditório para as almas do purgatório.

O grupo é formado por dois troços: o primeiro é o que bate às portas, enquanto o segundo estaciona um pouco atrás.

O canto é entoado alternadamente pelos dois coros – alteração procedendo por imbricação. Segundo Fernando Lopes Graça, trata-se de uma fórmula hexacordal menor com ornato superior e omissão de 2.º grau.

POVO QUE CANTA - 3ª. Série - Programa 1 e 2

VOZES E IMAGENS DE PARADELA

(rubrica filmada em 21 de Setembro de 1972)



1.º texto 1'15" – Paradela no concelho de Miranda do Douro, é das nossas aldeias a que geograficamente fica mais a Oriente. Cerca de 300 habitantes. Forte emigração. Economia de subsistência. Conserva numerosos vestígios de arcaísmo que lhe valem um isolamento secular.

- Francisco Domingues, o «Chico bioleiro», camponês de 63 anos, cantor e improvisador da linhagem dos jograis medievais. // Após haver frequentado um ano a escola primária, foi guardador de ovelhas. Actualmente é proprietário de alguns acres de ruim terra, que amanha quando o demónio da poesia o não empurra ao sonho.

- Uma veia inesgotável, um estilo pessoal de cantar, uma memória prodigiosa e a facilidade em tocar vários instrumentos – flauta, guitarra, caixa, bombo, e harmónica de boca, castanholas e, em especial, um instrumento a que ele próprio chama o seu «lato» (guitarra de sua invenção e cuja caixa de ressonância é constituída por um bidão de petróleo). Esta guitarra, de uma amplitude sonora bastante excepcional para as suas dimensões, pode fazer dançar Paradela inteira, ecoando por todos aqueles vales.

- A alvorada, em que sempre participa Francisco Domingues, é tocada pelas ruas nas manhãs dos dias de festa.

2.º texto 20" – Francisco Domingues tem um gosto pronunciado pelos temas bíblicos, as

fórmulas geográficas, as lições de uma história pátria nem sempre ortodoxa, mas sublimada pela imaginação e a fantasia. // Poeta tradicionalista, a sua obra reflecte conceitos e formas fixadas no passado. A sua visão patriarcal do mundo e da sociedade agro-pastoril em que vive é, no entanto, temperada por um sólido bom senso camponês.

3.º texto 30" – «O Pingacho» e «Os Alforges»/ «As Alforges»/ são danças hoje em dia quase que circunscritas a Paradela. A primeira merece uma referência particular. Dançada especialmente no dia de Santa Catarina, é, ao que parece, de remota origem espanhola. Caracteriza-as por uma forte sensualidade – com a dança dos corpos de lado, de frente e de trás. // Como outros bailados da região, nomeadamente o «Redondo», o «Pingacho», pertence a um tipo de danças de carácter ritual em que se podem vislumbrar vestígios dos antigos cultos. // O musicólogo Paul Collser, ao analisar o Pingacho na versão recolhida anteriormente por Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça sublinha a sua similitude com os «Estampidos» – canções coreadas dos trovadores provençais.

4.º texto 15" – Os «Ofícios» vão ser dançados /são dançados/ por um grupo de rapazes da povoação vizinha de S. Martinho de Angueira. A dança dos paulitos seria na origem uma dança de fertilidade. Os «Ofícios» não constituem um número, ou «Ihaço», na linguagem local, dos mais característicos; são antes uma espécie de pantomina alusiva aos vários ofícios da comunidade rural.

5.º texto 15" – O «Passacalhe» que vamos ouvir é provavelmente de origem espanhola. «Passa calle» designava primitivamente uma espécie de serenata. No distrito de Miranda do Douro é em geral tocado nas procissões, por um grupo instrumental constituído por flauta ou gaita-de-foles, bombo e tamboril ou caixa.

7.º texto 1' – A «Carmelita» é outro «Ihaço» da dança dos paulitos, executado também pelo grupo de Cércio / pelo grupo de S. Martinho de Angueira/. A letra é um hino à Virgem Maria. É de notar que os «Ihaços», conforme as localidades, são dançados em honra dos santos ou do Santíssimo Sacramento ou ainda de Nossa Senhora. A função da dança é pedir esmola para a festa. Nesse dia, dança-se de manhã de porta em porta e mais tarde à frente da procissão – existem, para o efeito, «Ihaços» que se dançam a andar – Por fim, o grupo exhibe o seu repertório completo no adro da igreja. // A dança dos paulitos é de origem incerta, embora o seu carácter guerreiro e a sua indumentária tradicional, de

possível origem militar, possam sugerir uma relação antiga com a dança pírrica. Em todo o caso, apresenta vestígios das velhas danças propiciatórias que a igreja tolerou e que foi progressivamente adaptando ao culto.

8º. texto 45” – Uma forte trovoada interrompeu a filmagem.

O «Maragato», que acabamos de ver, e que hoje igualmente se encontra quase que circunscrito a Paredela, é outra das danças da região, no dizer do abade de Baçal, «representam, não a rudeza selvática desta gente, mas sim o documento vivo de uma civilização a extinguir-se».

- Sobre estes famosos «maragatos» de que nos falou Chico Domingues e que constituem ainda hoje um grupo étnico distinto no meio da população leonesa, opinou Oliveira Martins : «São ainda os Berberes antigos.»

- Paradela. Francisco Domingues escreveu-nos ultimamente, inquieto pela demora do que ele chama «o seu programa». A sua carta terminava com este desabafo:

Sou muito patriota

Ainda que não pareça,

Mas como sou um homem rústico

A Pátria não me conhece.

Francisco Domingues

Adeus, saúde e boa sorte.

POVO QUE CANTA - 3ª. Série - Programa 3

A PEDRA – Póvoa de Lanhoso

(rubrica filmada em 21 de Setembro de 1972)



1.º texto 30" – A uns escassos quinze quilómetros de Braga, Póvoa de Lanhoso, vila de cerca de 1.300 habitantes. Nas imediações, no Lugar do Horto, uma pedreira. Vamos assistir a várias operações em que a rocha granítica é atacada e os blocos deslocados sob a orientação do alvanel que, para ritmar o esforço, entoia uma melopeia. Os martelos pneumáticos furam e despedaçam, os explosivos rebentam com blocos enormes, mas mantêm-se primitivos os métodos de cortar e trabalhar a pedra, de «pegar o calhau» ou «correr ao calhau», na linguagem dos homens que se arriscam neste circo de pedra.

2.º texto 30" – «Grande pedra, pequena pedra, três homens de volta dela», diz o povo. É o alvanel António Cândido Soares, de 46 anos, que dirige o trabalho. Um simples exclamação são sinais entendidos pelo pessoal de alavanca em punho. «Ei manda ei», grita o António Cândido quando a pedra foge pelo lado contrário; ou, «Ei, alivia hô» quando pretende que os homens do lado oposto deixem de puxar; e ainda «hô, dá detrás, ei», para que puxem os de rectaguarda; por vezes «Oupa, anda certo, oh», para que todos sincronizem o esforço.

3.º texto 30" – O «cantar à pedra» do António Cândido Soares, ou «cantilena da Pedra», na linguagem dos musicólogos, é constituído por simples interjeições adaptadas a uma sugestiva melopeia, em que o ritmo respiratório condiciona o ritmo de trabalho. «Cada

momento de inspiração é seguido por um momento de esforço máximo, coincidindo com um movimento melódico ascendente. O esforço muscular cessa no momento da expiração», escreve a respeito deste canto o musicólogo Rebelo Bonito.

4.º texto 15/20” – O martelo pneumático fura a pedra. A carga explosiva é intronada com precaução. Uma ponta de cigarro pega fogo ao rastilho. Um grito, e o pessoal afasta-se à pressa da zona de perigo.

5.º texto 15” – O chão tremeu. Da muralha de pedra destacou-se um bloco enorme. Horas seguidas, e quase que centímetro a centímetro, os homens deslocam-se guiados pelo canto.

6.º texto 20” – Os bons cantadores sabem adaptar a melodia às fases mais diversas do trabalho, e também são capazes de adaptar morfologicamente ao ritmo, fragmentos de qualquer canção, assim torna instrumento de trabalho, tal como o são os ponteiros, os guilhos ou cunhas, as brocas, as raiadeiras, os martelões, os marretos, os picos e as alavancas.

7.º texto 15” – A «Cantilena da Pedra» apresenta-se-nos como um testemunho significativo do sentir musical do nosso povo – embora possa estranhar-se considerá-la como tal. Testemunho significativo, também, da vida destes homens que, no lugar do Horto, arrancam à pedra o seu pão de cada dia.

8.º texto – Rochas que a mão do homem habilidosamente transforma em cunhais e molduras, pedras de construção para espigueiros ou canastros, lages que encontramos nas eiras e calçadas – estas utilizando os mesmos processos dos romanos – ou, ainda, altos e delgados esteios de vinhas para servir de suporte às ramadas.